



30^o CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

**Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE**

Eixo 6 - O mundo digital: apropriação e desafios

Modalidade: resumo expandido

Subjetividades na Classificação Bibliográfica: Eu Interpreto, Tu Interpretas.

Subjectivities in Bibliographic Classification: I Interpret, You Interpret.

Antônio Jorlan Soares de Abreu – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) / Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Debora Araújo Machado Teixeira – Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Resumo: Classificar para o bibliotecário é intrínseco à sua profissão. O objetivo foi analisar as subjetividades existentes entre a classificação presente em uma ficha catalográfica de obras e a sua classificação em uma biblioteca universitária. O trabalho contou com levantamento realizado no IBICT e na BDTD. Quanto a metodologia, uma análise comparativa física de ficha catalográfica em livros e a classificação mantida no cadastro de uma universidade pública. Como resultado, as inconsistências advindas da interpretação e subjetividades presentes nas fichas catalográficas. A análise permitiu concluir que a interpretação de cada profissional na classificação é subjetiva, o que conduz a interpretações distintas.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Subjetividade. Biblioteca. Indexação. Notação.

Abstract: Classifying for librarians is intrinsic to their profession. The objective was to analyze the subjectivities that exist between the classification present in a catalog of works and their classification in a university library. The work included a survey carried out at IBICT and BDTD. As for methodology, a physical comparative analysis of catalog records in books and the classification maintained in the registry of a public university. As a result, inconsistencies arising from the interpretation and subjectivities present in the catalog cards. The analysis allowed us to conclude that each professional's interpretation of the classification is subjective, which leads to different interpretations.

Keywords: Librarianship. Subjectivity. Library. Indexing. Notation.



1 INTRODUÇÃO

O uso da classificação na Biblioteconomia é um processo inerente ao exercício profissional, desenvolvida há bastante tempo e com processo evolutivo ao longo de décadas. Nomes como de Melvil Dewey, Paul Otlet, Henri La Fontaine, Ranganathan e Doris percorrem com ampla disputa os corredores e prateleiras das bibliotecas mundo afora e são indicações amplamente discutidas. Tratam de nomes relativamente modernos, que configuram o discurso a respeito de classificação.

De acordo com as autoras Umbelino; Aganette (2017, p. 43).

A ação de categorizar e classificar são inerentes aos seres humanos que tudo tenta categorizar e classificar desde os tempos primórdios. Foram os filósofos da antiguidade, os primeiros a se preocupar em dividir, distinguir, ou seja, em classificar os objetos materiais e formais das diversas áreas da ciência.

O profissional bibliotecário no processo de formação, é convidado a conhecer os diversos caminhos que pode percorrer em sua vida ocupacional, e aqui eu tenho a pretensão de querer afirmar, que a classificação se faz presente em qualquer das especialidades que lhe prouber/escolher. Torna-se algo indissociável ao comportamento e ao saber fazer.

Ao observar o trabalho de Umbelino; Aganette (2017), elas nos chamam atenção, para que possa dar a devida importância e entendimento no que é categorizar e classificar, pois possuem diferentes significados, o que leva a compreensão de que temos que compor dentro da lógica aristotélica de "*Organon*" determinada em dez gêneros que constituem as categorias (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão), já a classificação é um processo técnico, no qual o bibliotecário é considerado o especialista.

Desse modo, trago como problema de pesquisa o seguinte questionamento: como apontar as interpretações subjetivas, da classificação bibliográfica, presentes em uma ficha catalográfica e no acervo de uma biblioteca?

À medida que avançamos na constituição da ficha catalográfica e nos apossamos de um processo de autoconfiança, podem nos induzir a determinados equívocos, em particular na classificação de documentos, tendo em vista que o conhecimento de mundo, também é significativo e valoroso quando se chega nesta parte do processo, embora tenhamos como base estrutural a Classificação Decimal de Dewey-CDD ou a



Classificação Decimal Universal-CDU, e adotemos a Classificação Decimal de Direito-CDDir, também conhecida como Classificação de Doris, nossa parcela de contribuição, conhecimento e prática, constituem bons pesos.

Nesse sentido, constituiu-se como hipótese da pesquisa que cada bibliotecário, de acordo com o tipo de biblioteca faz interpretações acerca do processo de classificação de uma obra, principalmente quando se refere à um trabalho que não lhe é comum a sua discussão e/ou principalmente quando se trata de uma área a qual o profissional não possui grande domínio, e, mesmo diante de uma capa, folha de rosto, resumo e palavras-chave (instrumentos para a confecção e determinação da ficha e da classificação), não são o suficiente para interpretação correta.

2 METODOLOGIA

A pesquisa acadêmica investigativa, de cunho metodológico, foi conduzida por meio de um processo indutivo (análise), partindo de observações e experiências adquiridas durante as disciplinas e o estágio, e dedutivo (síntese), por meio da análise teórica e aplica de conceitos estudados previamente.

Para embasar teoricamente a pesquisa, foram utilizadas obras de referência que tratam da metodologia científica das técnicas de pesquisa. Tais como, Mazucato (2018, p. 54) que descreve o método indutivo “A partir da observação de um conjunto razoável de fenômenos semelhantes, o estudante tentará descobrir uma relação existente entre estes fenômenos e elaborar uma explicação mais generalizante”. E ao apresentar o método dedutivo informa que “não é mais generalizante do que aquilo que já se conhecia anteriormente, apenas enquadra um objeto que se estuda dentro de uma categoria ou constatação já conhecida”. (Mazucato, 2018, p. 55).

O contorno da pesquisa ainda contou com a utilização da técnica de pesquisa observacional, que conforme as autoras Lakatos e Marconi (2003), permite a coleta de dados por meio da observação direta de práticas e procedimentos, que no caso em exposição estão relacionados à classificação. Além disso, a pesquisa bibliográfica foi essencial, como enfatiza Gil (2002, p. 44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”



para o embasamento teórico, permitindo a análise de obras e artigos científicos relevantes sobre o tema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A classificação de livros e obras, mesmo quando baseada em sistemas amplamente aceitos como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), envolve uma série de decisões que, inevitavelmente, contêm elementos de subjetividade. Essa subjetividade decorre de diversos fatores:

Análise de Assunto: A análise de assunto é crucial para determinar a classificação de uma obra. Envolve interpretar o conteúdo do material, identificar o tema principal e, muitas vezes, considerar subtópicos. No entanto, essa interpretação pode variar dependendo do profissional que realiza a análise, de sua experiência, conhecimento e até mesmo de sua percepção pessoal sobre o conteúdo.

Necessidades dos Usufrutuários: A classificação também deve levar em conta as necessidades específicas dos usuários da biblioteca ou instituição. Por exemplo, uma obra sobre "sustentabilidade" pode ser classificada de forma diferente em uma biblioteca de engenharia ambiental em comparação com uma de economia, dependendo da ênfase desejada no conteúdo.

Política Institucional: Cada instituição pode ter suas próprias políticas e prioridades para a classificação de materiais, que podem influenciar a maneira como as obras são categorizadas. Isso pode incluir diretrizes sobre como lidar com temas emergentes, novas áreas de conhecimento, ou o uso de classificações locais específicas que complementam o sistema CDD.

Limitações da CDD: Embora a CDD seja um sistema extensivamente utilizado, ela foi originalmente desenvolvida em um contexto específico e pode não cobrir com a mesma precisão todos os campos do conhecimento contemporâneo. As limitações de uma estrutura fixa como a CDD fazem com que a interpretação e a aplicação da classificação sejam mais complexas, especialmente para obras multidisciplinares ou interdisciplinares.

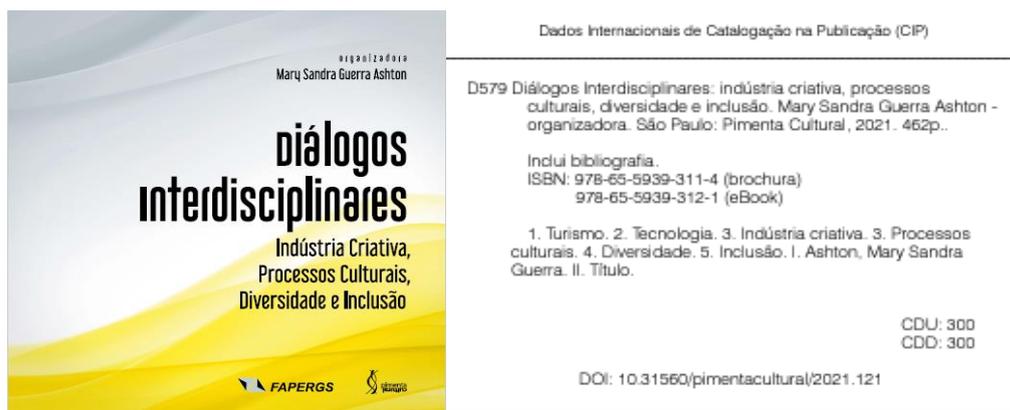
Por essas razões, propõe-se discutir continuamente a análise de assunto e sua aplicação na classificação, reconhecendo a necessidade de um equilíbrio entre a



objetividade buscada por sistemas como a CDD e a flexibilidade necessária para atender às necessidades específicas de cada instituição e seus usufrutuários.

Ao direcionarmos na particularidade de realizar estudos a partir da realidade profissional, o objeto carece uma atenção, não se trata de uma frase solta, mas sim de elementos balizadores para a compreensão do processo técnico de classificar.

Figura 1 – Capa e ficha catalográfica de um e-book



Fonte: Editora Pimenta Cultural, 2021

Figura 2 – Capa e ficha catalográfica de um e-book



Fonte: Editora Pimenta Cultural, 2021.

De posse de um material, mesmo que em formato de *e-book*, onde temos a possibilidade de baixá-lo no notebook ou no celular, como são os dois casos aqui demonstrados, e realizar a leitura em qualquer lugar, independentemente de ter acesso ou não a internet, processo que facilita o transporte, acomodação e a praticidade - este suporte, permite que o usufrutuário tenha maior mobilidade e praticidade, podendo transportar consigo uma biblioteca inteira.

Vejamos, os dois *e-books* acima apresentados, são exemplos reais e visíveis da discussão ora apresentada. Ao olharmos para seus respectivos títulos, a qual classe poderia classificá-los, seus títulos dizem muito a seu respeito? É possível identificar de



imediatos? E quanto aos seus subtítulos, o que podem nos apresentar como detalhe para uma maior e melhor direcionamento de classe?

Quando voltamos nosso olhar para as fichas catalográficas, e vemos o número da classificação a qual o profissional bibliotecário categorizou o material, torna-se mais claro ou gera uma discussão mental: se está correto ou não. Sem contar que abre uma outra discussão, pois nas fichas não contêm o registro do(a) profissional, como determina a Resolução nº 184 de 29/09/2017 do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB, 2017), uma pauta para outros discursos, mas, fica aqui o devido registro.

Será que a classificação, se tivesse sido realizada por mim, estaria da mesma forma? E, porventura, se estivesse sob tua responsabilidade realizar tal trabalho, classificaria de igual modo?

Quanto a figura 1, seu título não auxilia muito, porém seu subtítulo já traz outras informações que direciona para a classe 300, que conforme a CDD está reservada as Ciências Sociais. O profissional da informação, não tentou detalhar, optou por colocar 300 e pronto, foi generalista.

Esta generalidade ocorreu por dificuldades no entendimento de um melhor detalhamento a respeito do trabalho, seu conhecimento prévio não era o suficiente para buscar dentro da classe 300 uma melhor classificação? Ou simplesmente por comodismo optou pelo mais fácil e prático?

Vejamos que jamais saberemos o real motivo, cabe a cada um construir indagações e articular supostas respostas sobre o material. Assim, como cabe a cada um de nós a subjetividade interpretativa.

Sigamos para a figura 2, e construímos análises semelhantes as desenvolvidas na figura 1. Ali, o profissional bibliotecário opta pela classe 100 da CDD, que trata de Filosofia e disciplinas relacionadas. Mais especificamente a classificação 106, a numeração escolhida pelo profissional no processo, significa, gestão de organizações.

As palavras chaves, na nossa concepção não tem similaridades com a classe escolhida. A formação em Administração, levaria de imediato o processo para a classe 300 (Ciências Sociais), estaria incorreto? Seria pressa nossa em realizar o trabalho? Seria nosso conhecimento prévio que nos induzindo ao equívoco? E você como iria classificar?

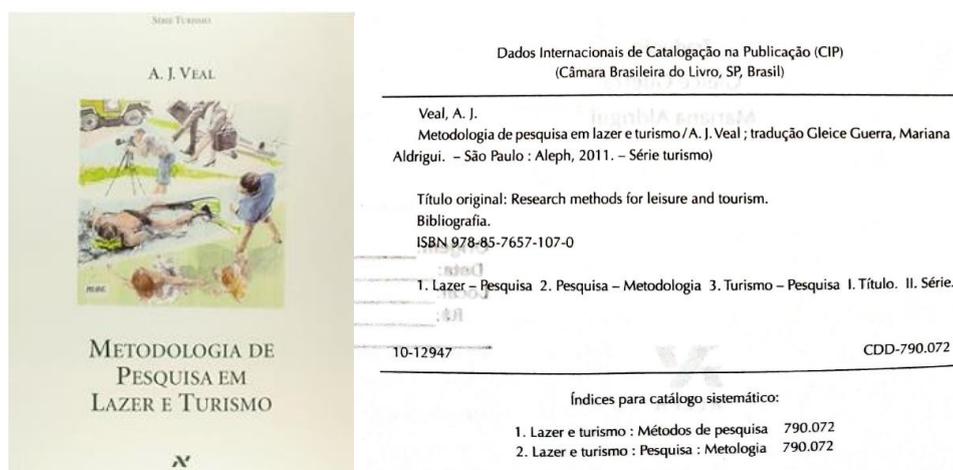


Outro caso significativo é quanto a figura 3, representada logo abaixo. A classe da CDD registrada no livro impresso, certamente passou pelas mãos de um profissional bibliotecário, mais uma vez a ausência do registro do profissional na ficha, está na 700 (Artes, Recreação e Artes Cênicas), para ser mais específico a classificação é 790.072, na CDD a classe 790 está voltado para Artes Cênicas e Recreativas, detalhando um pouco mais esta notação: 790.07, representa; Educação, pesquisa, tópicos relacionados de recreação. Trata-se de um livro de Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo.

Para o profissional bibliotecário da instituição ao fazer a inserção no seu sistema, classificou na 300 (Ciências Sociais), mais precisamente na 338.4791, a 338 é Produção e tendo como número base 338.47 a CDD específica que, a notação 001-999, por exemplo, indústria turística 338.4791.

Questionamos então, quem está correto, existe alguém equivocado, qual você adotaria, ou iria classificar em outra classe? solicitamos que possa se despir de qualquer conceito prévio, ignore por alguns momentos sua formação em biblioteconomia ou qualquer outra área, por alguns momentos isento de rótulos, ao olhar o título do livro, como você classificaria?

Figura 2 – Capa e ficha catalográfica de um livro impresso



Fonte: Fotografia retirada pelo autor

Agora faça o mesmo exercício, porém imbuído do conhecimento científico, mais precisamente da formação em biblioteconomia, você profissional, recebe este material para o acervo, em que classe iria realizar a representá-lo?

Estes três exemplos apresentados, não são casos isolados e não se trata de exclusividade de uma biblioteca, muitos menos de um profissional bibliotecário, trata-se de subjetividade, de valores construídos, de conhecimento adquirido, de percepções,



compreensões e interpretações que é característica de cada pessoa, de cada profissional.

Tabela 1 – Inferências acerca das fichas catalográficas

OBRA	CLASSIFICAÇÃO CDD na Obra	INFERÊNCIAS	REGISTRO PROFISSIONAL
Diálogos Interdisciplinares: indústria criativa, processos culturais, diversidade e inclusão	300	Foi generalista, não direcionou a subárea. Falta de tempo, de conhecimento, despreocupação com trabalho, falta de compromisso com o processo de classificação, não possui afinidade com a classificação, serviço terceirizado, serviço realizado por um não profissional	Não tem. Ficha após Resolução 184/2017.
Empreter: um instrumento de autoanálise do perfil do empreendedor para o turismo no espaço rural	106	Não condiz com o título e/ou subtítulo. Tem características da classe 300 (Ciências Sociais). No sumário algumas palavras direcionam para a classe 600 (Tecnologia e Ciência Aplicada). Mas, na classe 100 (Filosofia e Psicologia), na qual foi classificada, não possui similaridade.	Não tem. Ficha após Resolução 184/2017.
Metodologia de pesquisa em lazer e turismo	790.072	Foi inserida na classe 700 (Artes e Recreação). Na biblioteca foi colocada na classe 300 (Ciências Sociais), detalhada em 338.47 - 330 é Economia e 338 é Produção. A classe 000 (Generalidades e Referência geral) dentro notação 001.4 (Pesquisa e métodos) certamente estaria mais apropriada	Não tem. Ficha antes da Resolução 184/2017.

Fonte: os autores, 2024.

Como se pode ver é um trabalho operacional, manual e que por mais que elementos modernos venham surgir, como forma de automatizar, mesmo que a Inteligência Artificial, e o uso dos algoritmos venha auxiliar, necessitará primeiramente que a subjetividade humana programe, interprete. Ou seja, deixará na IA a sua concepção, é de seu conhecimento prévio que partirá a programação?.

Em 1969, Barbosa, já havia descrito a respeito desta subjetividade, do processo de teoria e prática na classificação e sua importância. Por isso ela afirma.



O importante a ser considerado no processo de classificar é o **perfeito entendimento, por parte do classificador**, do exato sentido que o autor deu ao seu trabalho. Deve-se não só ler o prefácio, como a introdução, e tomar conhecimento do conteúdo da obra para definir bem o assunto que abrange: **Há livros de assuntos gerais, fáceis de classificar, mas há outros de difícil interpretação**, cujo texto exige cuidadoso exame, antes da determinação do assunto principal. Já é chavão muito comum dizer-se que ‘nem sempre o título corresponde ao assunto’-. **Na realidade, aos que estão principiando a trabalhar em classificação, aconselha-se cautela com os títulos enganadores. Às vezes**, quando uma obra pertence a grandes e famosas coleções, **há quem prefira estabelecer a classificação pelo assunto geral** da série, deixando aos catálogos, por meio dos cabeçalhos de assunto, a tarefa de correlacionar os assuntos específicos. Há livros, ainda, que tratam os assuntos sob várias formas (história, periódico, dicionário etc.) e, **então, compete ao classificador verificar qual o assunto principal e qual o tipo de forma usado** (Barbosa, 1969, p. 18 grifo nosso).

Desta maneira, Alice Barbosa, deixa claro que nossa linha de pensamento e nossa inquietude, não se trata de teimosia, resistência as normas ou as regras, padrões e/ou regulamentos, mas uma pauta discutida a bastante tempo. Mesmo que a inquietação não encontrasse um respaldo na literatura, não implicaria apontar, julgar ou enquadrar os pesquisadores na condição de intransigentes, pois quem primeiramente provocou esta reação, foi o processo de ensino/aprendizagem, constituído pela academia, distribuídos por seus representantes legais, os professores.

Em suma, a academia é este local, é este espaço de estimular ideias, instigar e balançar o comodismo, retirar da zona de conforto, confrontar construções pautadas no conformismo, estimular o senso crítico, apontar novos caminhos, suscitar vieses constitutivos de saberes e promover à sociedade um ser reflexivo, curioso e ativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso acentuar que a produção de saberes passa por diversas mãos e várias interpretações. No caminho percorrido, não existe o elemento “completo”, pois ele sempre estará em construção.

As análises realizadas, não são poucas, só seriam repetitivas, tendo em vista que exemplos temos em substancialidade, pois a subjetividade sabe nos presentear com a pluralidade e com a diversidade.

Como indicativo de solução para este impasse, têm-se a proposta de catalogação cooperativa, de Charles Jewett, apresentada em 1850. No Brasil a bibliotecária Lydia Sambaquy, é uma expoente desta iniciativa que teve início em 1942. A outra proposta



foi a catalogação na fonte, ela surgiu em 1853, no Brasil chegou em 1970, por uma iniciativa de editores e teve apoio de bibliotecários.

Tanto uma, quanto a outra possuem pontos a serem considerados, no entanto, dentre as propostas e tendo em vista o grau de subjetividade, vale repensar e reestruturar. Contudo, é necessário manter uma equipe de bibliotecários multiníveis (especialistas nas diversas áreas de atuação profissional), desta forma, certamente esse problema poderá ser consideravelmente reduzido.

A discussão sobre a subjetividade na classificação bibliográfica é central para a biblioteconomia, pois afeta diretamente a organização e o acesso à informação. Algumas contribuições relevantes para aprofundar essa discussão incluem:

Exploração das Dimensões da Subjetividade

A subjetividade na classificação bibliográfica pode ser vista em várias dimensões:

- **Interpretação de Conteúdo:** O profissional responsável pela classificação deve interpretar o conteúdo da obra para determinar sua categoria. Esta interpretação pode variar significativamente, mesmo entre especialistas, com base em suas experiências, formação e compreensão do assunto.
- **Perspectivas Teóricas e Metodológicas:** Diferentes abordagens teóricas e metodológicas na análise documental (por exemplo, estruturalismo, pós-estruturalismo) podem levar a escolhas distintas na classificação. A escolha da metodologia de análise pode influenciar como os conceitos são representados no sistema classificatório.
- **Influência Cultural e Social:** As decisões de classificação são também influenciadas pelo contexto cultural e social do catalogador. O que é considerado relevante ou central em um contexto pode ser periférico em outro.

Importância da Análise do Usufrutuário e da Comunidade

A subjetividade também deve ser compreendida em termos das necessidades e expectativas da comunidade que será atendida:

- **Bibliotecas Especializadas vs. Bibliotecas Públicas:** Em bibliotecas especializadas, a classificação tende a ser mais específica, refletindo o interesse profundo dos usufrutuários em certos tópicos. Já em bibliotecas públicas, onde os usufrutuários são mais diversos, a classificação pode ser mais geral.



- **Necessidades Dinâmicas:** As necessidades dos usufrutuários não são estáticas. A classificação deve ser flexível para se adaptar a mudanças nas demandas de informação, novas áreas de conhecimento ou mudança nos interesses dos usufrutuários.

Impacto das Políticas Institucionais e da Política de Aquisição

As políticas institucionais influenciam a classificação de maneira significativa:

- **Critérios Institucionais:** As bibliotecas podem adotar critérios específicos baseados em sua missão institucional, como foco em materiais locais ou ênfase em determinadas disciplinas. Estes critérios moldam a classificação, adicionando outra camada de subjetividade.
- **Política de Aquisição:** O escopo e a política de aquisição de obras de uma biblioteca influenciam diretamente sua organização interna. Uma biblioteca com forte política de aquisição em áreas como direitos humanos ou sustentabilidade pode influenciar a forma como as obras são classificadas nessas áreas, criando subcategorias específicas.

Limitações e Desafios da CDD e Outros Sistemas de Classificação

Embora a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e outros sistemas de classificação (como a Classificação Decimal Universal – CDU e a Classificação Decimal de Doris - CDDir) sejam amplamente utilizados, eles têm limitações inerentes:

- **Rigidez Estrutural:** A CDD foi criada no século XIX, com uma estrutura que pode não acomodar adequadamente novas disciplinas e áreas interdisciplinares emergentes, como estudos de gênero, ciência de dados ou mudanças climáticas.
- **Representação Incompleta de Assuntos Contemporâneos:** Algumas áreas do conhecimento contemporâneo, particularmente aquelas que são multidisciplinares ou emergentes, podem não estar bem representadas. Isso requer uma adaptação ou expansão da classificação existente, algo que envolve decisões subjetivas significativas.

Propostas para Mitigar a Subjetividade

- **Formação e Capacitação Contínua:** Investir na formação contínua dos bibliotecários em técnicas de análise documental e classificação pode ajudar a reduzir a subjetividade.



- **Políticas de Classificação Flexíveis:** Implementar políticas que permitam ajustes e adaptações no sistema de classificação com base em feedback de usuários e análise de uso pode ajudar a tornar a classificação mais relevante e precisa.
- **Uso de Tecnologias e Dados de Usuários:** Ferramentas de análise de dados e inteligência artificial podem fornecer insights sobre o uso das coleções, auxiliando na adequação da classificação com base em padrões de busca e comportamento dos usuários.

Em síntese, a subjetividade na classificação bibliográfica, longe de ser um problema a ser eliminado, pode ser vista como um aspecto essencial da prática biblioteconômica. Reconhecer essa subjetividade e abordá-la com estratégias informadas pela análise das necessidades dos usuários, pela adaptação institucional e pelo uso de novas tecnologias pode enriquecer o campo da biblioteconomia, permitindo um acesso mais justo e eficaz à informação.

Com essa abordagem mais aprofundada, o texto pode fornecer uma base robusta para debates acadêmicos e práticos, abordando as nuances da subjetividade e propondo caminhos para lidar com suas implicações na prática biblioteconômica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e Prática dos Sistemas de Classificação Bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

CONSELHO Federal de Biblioteconomia. **Resolução CFB Nº 184/2017**, de 29/09/2017. Disponível em: <https://crb6.org.br/materias/cfb-publica-resolucao-sobre-uso-do-registro-profissional/>. Acesso em: 98 set. 2024.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAZUCATO, Thiago. Métodos. In: MAZUCATO, Thiago et al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: Funepe, 2018.

UMBELINO, Michelle; AGANETTE, Elisângela Cristina. Classificação Decimal de Dewey: algumas motivações e justificativas de uso pela rede de bibliotecas da UFMG. **Biblionline**, v. 13, n. 3, p. 43-54, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/36170/19247>. Acesso em: 15 jul. 2024.